

Nota de enquadramento global

JOÃO DUQUE

A família é, indiscutivelmente, o núcleo de qualquer sociedade e horizonte primordial de qualquer pessoa, pois é o contexto originário da formação da identidade pessoal e social. Não admira, pois, que seja a instituição que mais se resente, quando as identidades se encontram em franca e rápida transformação. Por isso, as fases de transição cultural, marcadas por procuras e desencontros frequentemente originadores de confusão, são fases acompanhadas de «crises» da família. Possivelmente atravessamos, no Ocidente deste final da modernidade, uma dessas crises.

Ora, os momentos de crise exigem especial investimento afectivo e racional, para re-pensar e re-orientar a existência pessoal e institucional. Constituem, por isso, especial oportunidade de avaliar percursos feitos, analisar caminhos abertos e apontar trajectos futuros. É isso que se vai manifestando, cada vez mais claramente, relativamente à família, no nosso contexto cultural contemporâneo.

Sem querer enveredar por pessimismos sem fundamento e simplesmente derrotistas – mas também sem ilusões construídas sobre nada – a *Semana de Estudos Teológicos*, organizada pela Faculdade de Teologia (Braga) da Universidade Católica Portuguesa, pretende nesta ocasião enfrentar alguns aspectos mais salientes da situação desta tão antiga quão fundamental instituição. Nesse sentido, propõe-se um percurso, ao longo de três dias e seis conferências, que introduza nos assuntos nucleares dessa reflexão.

1. Como ponto de partida, e dado tratar-se de um contexto muito próprio, propõe-se uma abordagem dos fundamentos da família em perspectiva especificamente teológica. Por um lado, abordando a instituição teologicamente, a partir de alguns tópicos sobre a sua compreensão, à luz da história da salvação. Por outro lado, abordando a própria história da salvação – e o cristianismo, em particular – à luz da sua orientação segundo o modelo família. De um lado, pretende-se esclarecer uma instituição humana através do aprofundamento da sua origem teológica; de outro, pretende-se compreender melhor a relação entre Deus e o ser humano, assim como o trajecto salvífico da humanidade, à luz de uma instituição comum a todas as culturas humanas – mesmo que nem todas lhe atribuam o mesmo peso.

2. Um segundo trajecto inicia-se com uma retrospectiva histórica, orientada para a melhor compreensão das transformações sociais do Ocidente, com profundas repercussões sobre as transformações da família: quer a nível da sua estrutura interna, quer a nível do seu papel no conjunto da sociedade. Trata-se de um percurso obrigatório, para melhor compreendermos as metamorfoses de uma instituição que se desenrola temporalmente e que, mesmo com raízes «naturais», não pode compreender-se independentemente do contexto cultural em que se realiza.

Um dos elementos que mais transformações sofreu, ao longo dos últimos séculos, foi sem dúvida a relação entre gerações. Tais transformações alteraram também as imagens de maternidade e de paternidade – estendidas à geração dos avós – quer por parte dos pais quer por parte dos filhos. Não só se modificaram os papéis e as expectativas (ou então, originou-se a indefinição de papéis e a ausência de expectativas), relativamente à parentalidade, como também a própria valorização dessa importante função humana, frequentemente considerada secundária, supérflua ou mesmo prejudicial. Os efeitos não se fizeram esperar, quer do ponto de vista demográfico, quer económico, quer mesmo sócio-cultural. Está na hora de repensar essa importante relação humana, para reequacionar o nosso futuro.

3. A terminar, os olhares concentrar-se-ão mais especificamente no contexto da comunidade cristã, para re-avaliar e re-impulsionar a relação entre família e paróquia, na tentativa de melhor compreender a necessária interpenetração dessas duas instituições, na imprescindível tarefa de transmissão da fé e da visão do mundo que lhe está necessariamente ligada. Trata-se de duas instituições-chave no processo de nova evangelização da cultura ocidental. Mas, enquanto tal, não podem agir desarticuladas. Em realidade, a orientação de uma para a outra poderá contribuir para um fortalecimento mútuo, na confusa encruzilhada cultural em que nos encontramos.

A partir destes impulsos concretos, será possível repensar elementos fundamentais da actividade pastoral da Igreja, relativamente à família, quer enquanto «sujeito» quer enquanto «objecto». De facto, o caminho de uma pastoral familiar terá que ser o caminho da iniciativa das próprias famílias cristãs, que cuidem de si e de todas as famílias humanas; mas a comunidade eclesial, no seu conjunto, deverá assumir especial empenho no acompanhamento das famílias contemporâneas, sobretudo nas situações em que a sua tarefa se encontra mais dificultada.